

Economistas heterodoxos e ortodoxos já se entendem

LÉA CRISTINA

A crise da economia brasileira chegou a tal ponto que parece ter perdido sentido o eterno racha entre as linhas ortodoxas e heterodoxas. Pelo menos momentaneamente. Afinal, no momento em que a equipe do Ministério da Economia faz sua opção por um autêntico choque ortodoxo, economistas heterodoxos e ortodoxos defendem a implantação de regras para preços e salários (a política de rendas) — instrumento que pode ser classificado como um dos principais divisores de águas entre as duas correntes.

Quem defende a política de rendas são os heterodoxos. Mas, sem aceitar a classificação de ortodoxo, o ex-Ministro João Paulo dos Reis Velloso defende a adoção de regras para preços e salários para provar que não está sujeito a qualquer classificação:

— Nas condições atuais da economia brasileira, não há por-



Reis Velloso

que se fazer distinção entre heterodoxos e ortodoxos. A política de combate à inflação tem que ser abrangente — afirma Reis Velloso, defendendo a adoção de

uma política de rendas negociada como instrumento sobressalente às medidas implantadas hoje.

O ex-Presidente do Banco Central (BC) Carlos Langoni também não gosta da classificação, mas aceita a definição de ortodoxo. E está otimista em relação ao atual choque:

— A política implantada vai dar certo, se permitirem que ela funcione da maneira como está e com algumas medidas que ainda devem ser adotadas adiante, como unificação do câmbio e redução das tarifas de importação — diz Langoni, que também defende algum tipo de política de rendas e a adoção de um controle de oligopólios, enquanto a abertura comercial não estiver garantindo equilíbrio de preços internos.

Os adeptos da outra corrente não estão tão otimistas. E a falta de regras para preços e salários, é um dos pontos que levam os heterodoxos a duvidar da eficácia da política atual. Aloísio Tei-

xeira, Diretor do Instituto de Economia Industrial (IEI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), acha que uma política ortodoxa, no Brasil, não pode dar certo, devido ao perfil de concentração de renda. Mas como a política é esta, diz, é imprescindível a adoção de regras para preços e salários "para que o País não entre em convulsão social".

Definindo-se como eclético, mas voltado para a linha heterodoxa, o economista da Pontifícia Universidade Católica (PUC) Winston Fritsch acha que um choque ortodoxo poderia até acertar a economia a médio prazo. Como Reis Velloso, lamenta a falta de medidas abrangentes:

— Mas regras para preços e salários, via pacto, são fundamentais para evitar a aceleração inflacionária. O fato é que em todos estes anos tivemos políticas de renda sem disciplina monetária e fiscal ou tivemos esta disciplina sem a política de rendas. Quem sabe, juntando os dois...